



P.V.P. 5,95 €

preço único colecção BIS



A tua cabeça rodou na direcção do meu rosto, os teus olhos fecharam-se e a tua boca avançou para a minha, através de uma lenta rota de luz, risos e lágrimas. Quando os teus dentes morderam os meus lábios alguém gritou «Bravo!» como na ópera e eu soube que nunca uma rapariga havia sido assim amada. «Espere», dizias tu, «connosco há-de ser diferente.» Travavas-me o corpo todo com um beijo na palma da mão, os meus dedos agarravam-se, entontecidos, à curva funda das tuas pálpebras, e desse canto macio de pele eu inventei um homem para sonhar até ao dia branco da nossa eternidade. António. Dou-te esta aliança como sinal do meu amor e da minha fidelidade.

António. Muito prazer. Chamo-me António José Castro Morais mas toda a gente me trata por Tó Zé. Raptaste-me ao terceiro dia: «Jennifer. Diga à sua mãe que hoje está muito cansada para passear e venha comigo ver a vida verdadeira.» O meu nome é Jenny, porque o pai que eu não cheguei a conhecer adorava a heroína da *Família Inglesa* do Júlio Dinis, uma família aliás semelhante à nossa no culto discreto da riqueza como prolongamento físico da solidez espiritual. Mas tu, António, preferias outra coisa. Eu restituía-te o nome de origem, nem sequer era capaz de pronunciar esse diminutivo portátil que te fazia de toda a gente, e tu inventavas-me para lá do livro de onde eu tinha saído.

Naquela época parecia-me que estas intenções contrárias eram a mesma, um código de segredo automático que escrevia a grande evidência do amor. Só na noite do nosso casamento descobri que havia outra pessoa que te soletrava António, querido. Meu querido. Cuidado. E o auge do sol e todas as formas da montanha se rendem ao totalitário peso da luz. Vais andando, com os binóculos apontados ao mais longínquo dos cumes, e de repente vejo o teu pé direito no ar, sobre o precipício. Grito cuidado e abraço-te pelas costas, caís sobre mim no alto de Meteora. Pões um braço sob a minha cintura, e a tua face recortada a contra-luz rasga-me com a insuportável beleza de uma aparição. «Como te chamas, anjo-da-guarda?» Foi a única vez em que me traste por tu.

Fizeste o resto da viagem connosco, nesse Verão de 1935. Vinhas dos Mosteiros do Monte Athos, onde nem a sombra de uma mulher se permite, nós vínhamos da desilusão de Atenas, que a minha pobre mãe definia incessantemente como «a viúva alegre dos Deuses», para dar a entender que era culta, mordaz e muitíssimo viúva. Não me lembro de nenhuma das másculas estátuas dos museus de Salónica, apenas manchas de mármore sobre as quais os teus dedos evoluíam, longos, quase impudicos pela transparência dos ossos e das unhas. Esse fascínio pelos teus dedos valeu-me meia dúzia de vitórias ao gamão, no dia em que me levaste às escondidas a ver a vida verdadeira nas sombras sumptuosas das igrejas ortodoxas e nos cafés do cais, povoados de velhos marinheiros gregos com gestos muçulmanos. Expliavas-me as regras mas eu não conseguia ouvir-te, embrulhava-te a voz na velocidade das palavras e na cor incerta da íris, quando sorrias era verde-claro e depois tornava-se castanha, o nariz afilado, perfeito e imóvel como uma decisão, a boca excessiva destoando, lábios grossos com os cantos virados para baixo como uma permanente trincheira de desconfiança.

Nunca fui de falar muito. A minha mãe reforçava convenientemente a minha incomunicabilidade doutrinando-me na lei da poupança verbal: uma ideia, meia palavra. Seguia-te

desesperadamente o trilha dos dedos sobre as peças de madeira para que me julgasses inteligente, capaz de te vencer. Nunca mais voltaria a ganhar-te.

Dizem que o amor se faz de uma comunidade de interesses subterrâneos, restos de vozes, hábitos que nos ficam da infância como uma melodia sem letra, paixões pisadas na massa funda do tempo, mas nesses anos entre guerras os sentimentos explicados não interessavam a ninguém. O amor era então uma criação fulminante do tédio e da inocência, feito do carnal recorte da beleza, magnífico de crueldade. Amei-te de repente, com a luminosa injustiça que me afastou de todos os que me amaram por me serem semelhantes. Amaram-me ainda mais depois, durante o nosso longo noivado, que me tornou mundana, e adoraram-me a partir do dia em que me fiz oficialmente tua mulher, ouvia-os sussurrar que estranho, está cada vez mais menina, nunca se viu um caso assim.

Namorámos em bailes e recepções, eu dava-te a mão e o Pedro pegava-me logo na outra mão, sentia a inveja alastrando pelos salões como um perfume sensual, eram meus os dois rapazes mais desejados de Lisboa. Talvez não fossem sequer excepcionalmente bonitos. Quando agora olho tranquilamente para as fotografias da vossa juventude, vejo dois rapazes elegantes procurando atenuar pela distinção dos adereços – os chapéus de aba larga, os *foulards* de seda lavrada, os coletes italianos, os casacos de ombros largos – certas irregularidades de formas e traços. Eram magros, o Pedro ligeiramente mais alto do que tu e quase macilento.

Apareciam sempre juntos e nunca demoravam o olhar sobre uma mulher. Falavam de pintura, literatura, viagens, aborreciam a política e os negócios. A combinação entre esses interesses tão raros nos homens do tempo e a vossa suave indiferença às afectações da beleza feminina tornava-vos irresistíveis. Criava-se um zumbido abrasador à vossa entrada, as raparigas apertavam os pulsos umas às outras e segredavam: «Olha o sol e a lua.» Tu, meu querido António, eras a lua intrigante – apesar do teu cabelo alourado e do teu passo bem mais decidido do que o do Pedro. Ele era

o sol de melena escura que sorria continuamente só para encandear. Havia também uma espécie de esplendor circulando em torno dos dois que se extinguia quando se olhava para cada um de vós, individualmente.

Tu tinhas para mim uma cintilação própria, António, irradiavas uma luz turva, arroxeadada, que me sacudia como uma onda de febre. Seguiu os teus passos mecanicamente, enquanto dançávamos. Não conseguia ouvir a música; quase desmaiva de embaraço e prazer escutando a batida do sangue, atroadora, hipnótica, nunca soube se do teu se do meu coração. Ninguém antes te vira dançar.

As raparigas rodeavam-me, em enxames, perguntando que bruxedo te fizera eu. As mais afoitas delas, segundo me contaram, tinham tentado vezes sem conta rodopiar nos teus braços ou nos do Pedro, em vão. Cansei-me de vez das conversas de raparigas, nunca tive uma melhor amiga. A cumplidade de condição parecia-me quase vergonhosa, conhecia-as demasiado bem do colégio, onde a minha mãe me internara durante cinco anos para me «instruir e disciplinar», à maneira inglesa que herdara dos pais dela.

Creio que nunca me recompus dos risinhos da Vera no refeitório, antes do Pai Nosso da manhã, «sonhei que estava na cama com o Salazar, aí, meninas, acho que estou a precisar de me casar». Quase todas recebiam cartas de amor com assinaturas femininas, «minha extremosa amiga, olha esta noite para a lua às nove e meia que eu vou estar a olhar também. Tua muito saudosa Alexandra», e as freiras que tudo liam não estranhavam estes arroubos entre meninas, nunca lhes ocorria que eram os meninos do Colégio Militar quem escrevia as cartas assinadas por Alexandras e Paulas e Júlias.

Fardas, as pessoas apaixonavam-se umas pelas outras através do interdito das fardas. Eu tinha um pai morto cheio de condecorações no peito, um pai que morrera sem me ver, em 1917, a bem do futuro de uma Europa inexistente. Tu vestias linho branco ou flanela cinzenta, substituías quase sempre a gravata por lenços de seda que me punham tonta, sôfrega do teu pescoço alto de rapaz.

Ninguém sabia bem de que vivias, viajavas muito, negócios, dízias, e mudavas rapidamente de assunto. A minha mãe desvanecia-se com isso a que chamava pudor, um noivo que se apresentava de *chaperon* e não exibía os seus dotes profissionais era um prodígio. «Nem percebo o que é que um rapaz tão *exquisit* viu em ti», disse-me ela, uma vez, no tom de brincadeira que usava para as verdades mais sentidas. Arranjava sempre maneira de meter uma ou duas palavras em inglês em cada frase, e *exquisit* era uma das suas favoritas. No dia do nosso casamento passou a tratar-te por tu e a dar-te abraços maternos. Perguntou-te se estavas mesmo disposto a fazer feliz *this little lady* e tu respondeste-lhe em alemão. Se fosse eu, chamar-me-ia atrevida, e havia de amuar de humilhação.

A minha frágil mãe não admitia que o saber alheio a suplantasse, e, aliás, garantiu que eu lhe ficasse sempre atrás. «Dá cá isso, eu faço, tu não és capaz.» O estribilho repetia-se sempre que eu tentava fazer alguma coisa nova; foi quase à revelia dela que aprendi a tocar piano, «larga isso, criança, ainda me desafinas o piano, julgas que podes tapar a tua falta de técnica com a fúria», para ela a fúria era uma prerrogativa de criadores. Já estávamos casados há vários meses quando tu disseste: «Você é tão intensa, Jennifer, nunca supus que uma mulher pudesse ter tanta intensidade.» Foi talvez o maior elogio que recebi de ti, e as hostilidades entre mim e a minha mãe terminaram nesse instante. A minha fúria era afinal um dom, a virtude que te levava a escolher-me como única mulher da tua vida, herdeira do teu nome, senhora de tudo o que era teu.

O Pedro gostava de me escovar os cabelos devagar antes de me fazer as tranças, tu querias ver-me sempre de tranças e laços. Nas repetidas escapadelas do Pedro eu subia a banha aos vestidos brancos de bordado inglês, punha soquetes e aninhava-me ao teu colo, tu acariciavas-me o rosto, as mãos, as pernas. Uma vez chegaste a deitar-me no chão e encheste-me o peito de dentadas e lágrimas, estiveste quase a possuir-me e depois pediste desculpa, eu disse-te «vem para dentro de mim, não tenhas medo», e tu disseste: «Não

posso, meu anjo. Não seria justo para si. Eu sou dele, Jennifer. Se quiser, abandone-me.»

O abandono não é um acto de vontade mas uma consequência do esquecimento, meu amor. Se amasses outra mulher, o meu orgulho traído encontraria forças para deitar pazadas de terra sobre o buraco escuro do meu peito. Mas o teu amor proibido empurrava-te para o limbo trágico onde o meu amor por ti estava afinal condenado a viver. Nem por um segundo me ocorreu desfazer o nosso casamento. No entanto, preciso de te dizer que existiu mais do que pura paixão e livre entendimento na minha decisão de permanecer contigo para sempre. Houve também altivez, querido António. Não suportaria o desolado desprezo da minha mãe, nem o riso das zumbidoras. A mágoa do teu desamor tornava-me incapaz de encarar semelhantes afrontas. A pouco e pouco, desenvolvi a capacidade de me cingir à felicidade essencial de ser a tua mulher. Tu, que nem sequer olhavas para uma mulher, tinhas-me escolhido para viver ao teu lado uma vida inteira. O sexo que eu desconhecia não podia roubar-me o êxtase desta aventura. Permaneceria tua namorada, cúmplice do teu amante.

Segundo a Camila, o amor desesperado faz mal à pele, desfigura e amarelece-nos os contornos, mas connosco nunca, António. O desespero punha-te o fulgor do oiro, acho mesmo que te transfiguraste no dia em que a Camila apareceu. «Como pudeste trair-me tanto, Pedro?» Choraste nos braços dele a noite inteira, aos poucos ele convenceu-te a aceitá-la, ofereceu-ta entre pedidos de perdão e juras de amor. Assim me deste a filha que me impediu de enlouquecer.

Nesses anos em que o amor todo se concentrava na feroz atracção dos corpos, podia-se viver uma vida só do sabor de uns lábios. Eu, pelo menos, vivi.

Todas as noites da minha vida agradei a Deus o dom desse sentimento que nunca mudou. À minha volta, muitos casamentos desabaram, outros apodreceram depressa, embalados na música veloz de um tempo cada vez mais aflito. O nosso manteve-se branco e suspenso sobre as convulsões do mundo.

No fim da festa, subimos as escadas os três, de mãos dadas, às gargalhadas. «Não vai levar a noiva ao colo?», perguntou alguém, e tu respondeste: «Não. A noiva é que nos leva aos dois pela mão.» As raparigas soltaram gritinhos excitados, chamaram-me abafadora e atiraram-me flores. Senti-me estonteada dentro de uma chuva de pétalas, o champanhe subindo até ao extremo mais lúcido da cabeça, abrindo todas as portas que ligam a alma às vísceras. No corredor escuro, a tua voz soou com uma nitidez de espelho: «Jennifer, minha filha, a menina dorme no quarto do Pedro. Veja se lhe quer mudar alguma coisa para ficar ao seu gosto. Queremos que se sinta bem cá em casa, minha querida.» Depois fizeste-me uma festa no queixo, o Pedro pousou um beijo na minha testa, e os dois entraram no nosso quarto, aquele que tinha a larga cama de dossel da minha avó e os lençóis de linho debruados a frioleiras que ela bordara para celebrar a minha entrada no universo do amor real.

Não percebi porque é que nada sucedia de acordo com as normas, mas nessa noite nem sequer fiquei triste. Estava

muito cansada de ter sorrído e dançado o dia inteiro, cansada de ser bonita e espirituosa num vestido pesado de rainha, pensei apenas que me querias proteger, como sempre, ou que simplesmente te agradava prolongar um pouco mais o perverso prazer da espera. Rodei muitas e muitas vezes a aliança no dedo, enchi de beijos o oiro quente e adormeci, já sem medo desse momento de entrega final que tanto me perturbava os sonhos. Nunca contei esta história a ninguém. Não me pareceu que tivesse qualquer interesse, as pessoas aborrecem as histórias felizes e têm razão, a felicidade convida o que em nós há de mais melancólico e solitário. Comecei agora a escrevê-la sobretudo para Camila, temo que um dia ela descubra a totalidade dos factos e se zangue conosco. Os factos, minha querida Camila, não existem, são peças de loto que inventamos e encadeamos para nos sentirmos vitoriosos ou, pelo menos, seguros. Cada ser tem o seu segredo, cada amor o seu código intransmissível. Do nosso amor nasceste tu, e devo-te um esforço de decifração desse código que é a tua herança, a luz que te é dada para que a transformes na tua particular aparição.

Sobretudo, não procures no amor o caminho que ele não tem. No fim da Guerra, as pessoas descobriram-se entre ruínas e acreditaram que o mundo podia salvar-se através da construção. Os mestres-de-obras enriqueceram, passaram a chamar-se empreiteiros e tornaram-se exemplos a seguir para tudo. A utilidade fez-se valor dominante, os filósofos estudaram ciências naturais, estenderam as inquietações sociais em mesas, como dantes só se fazia à massa dos bolos, aos animais vivos ou aos cadáveres humanos, e montaram consultórios para resolver as pessoas. E o amor, que não tem resolução, desapareceu.

O tempo tomou-lhe o lugar, mas o tempo gira ao contrário da luz, do branco para o negro. Por isso é preciso que gire a uma velocidade cada vez maior, para que a vida passe sem darmos por ela. O amor, Camila, é o único travão da morte, foi isto o que tentei dizer quando um relâmpago te roubou o Eduardo. A crueldade do amor é exactamente essa, imobiliza a vida na eternidade, mas o relâmpago escusava

de ser tão literal. Se não tivesse vindo nos jornais ninguém acreditaria que um rapaz pudesse desaparecer assim, saindo do mar, aos vinte anos, rachado por um raio caído do céu.

A luz tem os seus desígnios e os seus escolhidos, nasceste marcada por ela, sem essa língua de fogo incendiando o primeiro dos teus corações talvez nunca o tivesses descoberto. Não penses que estou a dourar o drama da tua existência. Tento, pelo contrário, descrever tranquilamente a possível verdade destes setenta e cinco anos que já vivi.

Como sabes, nunca tive que procurar emprego ou desenvolver uma eficiência qualquer. Custa-me tanto ver-te às vezes tão destruída pelo dinheiro, Camila, tu enfureces-te comigo, dizes que é a subserviência das pessoas o que assim te destroça, a facilidade com que se vergam ao poder e abandonam tudo aquilo em que acreditaram juntas, mas é o dinheiro o que assim verga as pessoas, o dinheiro lustroso que as veste da cor do Tempo, um longo manto de retalhos de papel que se confunde com a glória e a felicidade eterna. Respondeste rapidamente que sempre assim foi, e é provavelmente verdade, mas eu pertença à última geração de raparigas poupadas ao flagelo de ganhar a vida. Vi a marquesa de Faya despejando os últimos anéis sobre o pano verde do jogo, vi-a morrer aos pés dos *croupiers* e ser empurrada para longe da mesa pelos pés ávidos de outros perdedores, mas nunca vi duas amigas degladiando-se pelo favor de um chefe.

Agora que as guerras acabaram, a primeira coisa a que as pessoas parecem capazes de sobreviver é a si mesmas, e é isso o que mais assusta.

Se ao menos o teu trabalho não se parecesse tanto com o amor, Camila, mas essa promiscuidade infiltra-se em ti como uma doença. Quiseste viver do teu talento e agora ele tritura-te como uma máquina registadora. Fotografas uma Terra sem Céu; por mais que me fales de necessidade de distanciamento e de registo irónico eu não consigo deixar de ver uma imensa névoa de gelo retraindo os contornos das tuas imagens irrepreensíveis. Pões nas fotografias o rigor que não encontras na vida, sempre que as pessoas te magoam por omissão fechas-te na câmara escura a sublinhar contrastes.

Atravessei épocas materialmente complicadas, mas a imobilidade do amor manteve-se inalterada no centro da minha vida. Vivi sempre tão apaixonada pelo António como o António pelo teu pai, e ambos me amaram e amam da mesma forma que eu, com firmeza e cumplicidade. Custa-me dizer «no meu tempo», como fazem as pessoas da minha idade, porque o meu tempo é simplesmente o tempo de partilhar o amor com os seres que amo. Por isso tu, que chegaste ao meu colo seis anos depois do dia do meu casamento, tens no meu coração a mesma antiguidade que o teu pai ou o amante dele, que me deu a ventura de conhecer o amor. Resistimos à lâmina fina dos humores e à lenta tenaz das interdependências. Vieste na altura certa, Camila, porque a paixão fecha o mundo. E a prisão exacerba o pior de nós, mesmo sem darmos por isso.

Ao princípio a intimidade deles fazia-me mal. Passava noites inteiras com o ouvido colado à parede odiando-lhes as vozes misturadas, o ritmo conjugado dos corpos, os gritos e o sono. Tinha tanto medo das coisas assombrosas que se passavam naquele quarto que deixei completamente de dormir.

Atravessei dias e noites e noites e dias alucinada, deambulando por uma casa cheia de fantasmas, rezando canções de embalar sobre fadas e anjos-da-guarda, até que caí redonda no alpendre, ofuscada de sol e de cansaço. Acordei na manhã seguinte com as mãos deles brincando dentro do meu cabelo, na cama larga de dossel onde a minha mãe nascera.

«Menina tonta, já sossegou?» perguntou-me o António, e eu vi os nossos três corpos nus brilhando no espelho do toucador, as pernas castamente entrelaçadas como num jogo de crianças.

E à maneira das crianças nos amámos a vida inteira, sem transpor a porta do erotismo, num faz-de-conta implacável feito só de dor e delícia.

Tudo o que há para saber do amor é deslumbrada aceitação. Não se aprende a amar, Camila; não há vontade democrática capaz de espalhar a paixão pelas bolsas de pobreza

onde ela não chega, nem fábricas capazes de a produzir em peças, para montagem, construção ou exportação. Não há nada de justo neste sentimento: a justiça, aliás, não passa de um espectáculo de ordenação do mundo, um circo que inventámos para substituir a irracional lei do coração.

Não procures explicação para a minha vida, nem a tomes com pena ou escândalo; quando eu ficar tão velha que pareça louca, lê nestes cadernos que eu fui feliz. Não te preocupes como ou quanto, nem caias na tentação de distinguir amor e paixão: a pouco e pouco, fui vendo que essas divisões são armadilhas que se montam para que o pano caia sobre os nossos olhos e a imortalidade desapareça do nosso horizonte. O amor, Camila, consiste na divina graça de parar o tempo. E nada mais se pode dizer sobre ele.

